

As estrelas que brilham

Muitos dos integrantes da CPI do Orçamento eram até sua instalação, em 19 de outubro, ilustres desconhecidos no Congresso Nacional. Destacar-se em um universo de 584 não é tarefa fácil, principalmente para os novatos. O presidente da CPI do caso PC Farias e atual coordenador da subcomissão de bancos do Orçamento, deputado Benito Gama (PFL/BA), reconhece que "a CPI, em si, é um palco iluminado".

"Todos sempre trabalharam igual. Só que nessas ocasiões quem faz parte da comissão acaba se projetando", esclarece, informando que os novatos, principalmente, estão se dedicando de corpo e alma ao trabalho.

A CPI do Orçamento, além de projetar parlamentares, está também consolidando nomes de outros que tiveram atuação marcante na CPI PC-Collar. Neste caso estão, além de Benito Gama, os deputados Aloísio Mercadante (PT/SP) e Sigmaringa Seixas (PSDB/DF) além do senador José Paulo Bisol (PSB/RS).

Da vivência rotineira do dia-a-dia do Legislativo saltou para os holofotes o até então desconhecido Fernando Freire. Uma das grandes revelações dessa CPI. Um gentleman, resultado certamente de sua formação acadêmica londrina. Filho do ex-senador arenista Jessé Freire

e irmão do ex-deputado Jessé Freire Filho, já morto, Fernando Freire cumpre seu primeiro mandato na Câmara.

Baixaria — Empresário bem-sucedido, Fernando Freire se elegeu pelo PFL potiguar e depois se filiou ao PPR de Maluf. Com 39 anos, do alto de seu metro e noventa, Freire é sempre atencioso com todos que o cercam. Ponderado, algumas vezes comenta assustado: "É uma baixaria", referindo-se tanto a estrelismos como às tramas e falcatruas que a CPI descobre a cada investigada. Freire é o braço direito de Benito na subcomissão de bancos e foi indicado para integrar a comissão que ouvirá Paulo César Farias na prisão.

Outra grande surpresa é o desempenho do senador Luiz Alberto (PTB). Suplente, Luiz Alberto assumiu, em outubro de 1992, a cadeira no Senado com a posse no Ministério da Indústria e Comércio do senador paranaense José Eduardo Andrade Vieira. Sempre bem-informado, e autor de bons questionamentos durante os depoimentos, Luiz Alberto havia sido indicado para ouvir PC na cadeia. Foi substituído porque está prestes a voltar à suplência com a descompatibilização do titular.

Exponentes — Da mesma subcomissão de patrimônio fazem parte também dois novos expoentes do Congresso. O deputado mineiro Zaire Rezende (PMDB) e o paulista Pedro Pavão (PPR), ambos em primeiro mandato. O médico Rezende já

traz em sua bagagem experiência tanto legislativa como executiva. Foi vereador em São Sebastião e prefeito em Uberlândia. E os três — Luiz Alberto, Pavão e Rezende — se projetaram nessa CPI mesmo fazendo (ou porque fazem) parte da subcomissão coordenada pelo senador José Paulo Bisol (PSB/RS), uma das figuras mais polêmicas da comissão.

Na subcomissão de emendas, coordenada pelo deputado brasiliense Sigmaringa Seixas (PSDB), estão se destacando os deputados Sérgio Miranda (PC do B-MG) e Maurício Najar (PFL/SP). Miranda, considerado um dos melhores parlamentares da imensa bancada mineira, foi autor do organograma que possibilitou desvendar todo o esquema de desvio de dinheiro público pela máfia do Orçamento.

Garibaldi Alves Filho (PMDB/RN), que coordena a subcomissão de subvenções, está em seu primeiro mandato no Senado, eleito em 1990. Ele, que está cotado para se candidatar ao governo de seu Estado, tem sido elogiado pelos seus pares pela capacidade de trabalho e serenidade. Mesmo assoberbado é sempre solícito com quem o procura para obter informações. Junto com ele estão o deputado Luiz Máximo (PSDB/SP) e o senador Francisco Rollemberg (PFL/SE), este presidente da comissão que destrinhou o conteúdo dos disquetes apreendidos na casa do diretor da Construtora Odebrecht, Ailton Reis.